

RECENSÃO CRÍTICA

PERLMAN, Sar & MATOS, Virginia Costa, *Europe's Best-Kept Secret. An Insider's View of Portugal*, Cascais, Azula Lda., 1997.

Lúisa Alves

Dada a aproximação da Expo 98, divulgar Portugal no estrangeiro é tarefa premente, mas não tão fácil como se julga, sobretudo quando se pretende retratar o país na actualidade. Os guias de viagem são frequentemente manuais sem graça, meros repositórios de listagens de monumentos, hotéis e localidades. O visitante sente-se circunscrito a roteiros traçados previamente e avassalado pela epopeia das descobertas, regressando a casa sem ter contactado com a população real.

Um jovem executivo americano, Sar Perlman, que residiu em Cascais durante o início dos anos 90, descreve as impressões da sua experiência portuguesa em *Europe's Best-Kept Secret*. Desde John Gibbons — *A Foot in Portugal* (1931), *Playtime in Portugal. An Unconventional Guide to the Algarves* (1936), e *I gathered No Moss* (1939) — que não surgia nenhuma “insider's view” com tanto interesse. Informações práticas, tratamento desprezioso, leveza da escrita e grandes doses de humor tornam estas 215 páginas em leitura compulsiva. Ao longo de 14 capítulos, o autor leva-nos ao encontro do país em que vivemos e que conhecemos. Convive com as pessoas e narra as suas vivências, umas vezes anedóticas, outras vezes sentimentais. A primeira impressão do leitor português é de identificação: não há ficção, apenas a realidade que muitas vezes a ultrapassa.

O olhar do autor prendeu-se fundamentalmente em cinco grandes temas, sem prejuízo de outros que vamos descobrindo à medida que lemos:

1 — as idiossincrasias portuguesas. “Welcome to Portugal” e “Beyond First Impressions” previnem o visitante em relação ao conceito de tempo (lentidão e desconhecimento da pontualidade), à indefinição e ao pragmatismo permanentes, e aos expedientes com que os funcionários se desresponsabilizam. “The Little Man from the Signage Department” alerta para a sinalização das estradas, que só

é útil para quem dela não precisa. O trânsito automóvel proporciona uma das mais hilariantes situações do livro, correctamente apelidada de “a near-death experience” (pp. 18-19).

O autor passa da incredulidade à admiração em pouquíssimo tempo. De modo geral, os portugueses são retratados como tão espontâneos quanto paradoxais, bastante susceptíveis, amáveis em extremo e excelentes conversadores.

2 — as viagens. “From the Mouth of Hell to the Mountain of the Moon” é a mais bela descrição da obra. Poucos autores terão descrito com tanto pormenor a Boca do Inferno e com tanta emoção a magia de Sintra. “Busy Doing Nothing in the Alentejo” presta homenagem a uma região magnífica para recuperar do *stress* da vida citadina, seguindo o exemplo do autor: “I simply did nothing and let the adrenaline wash out of my system” (p. 130). O silêncio, a sensação de paz e de *relax*, a proximidade da natureza e a variedade da paisagem constituem os principais atractivos do campo.

3 — as tradições culturais. “Windmills, Cats and Magic Potions” e “The Art of Stopping a Raging Bull” ocupam-se dos moinhos ainda em funcionamento e das touradas, respectivamente. Tanto “Saints, Sardines and Garlic Things”, que refere as festas dos santos populares em Lisboa e no Porto, quanto “The Indulgence Race”, que percorre os caminhos da vida nocturna da zona ribeirinha lisboeta, retratam as pessoas como “lively and cheerful” (p. 125) e sempre dispostas para festas. Não há traços de melancolia e o velho fado está longe de deprimir a juventude portuguesa.

4 — a gastronomia. Perlman é um excelente *gourmet*, dedicando especial atenção aos vinhos, “Green Wine and Purple Grapes”, aos doces conventuais, “Nun Bellies or Angel Tits?”, e ao vício nacional do café, “The Meaning of Life”. Deixa um aviso: “one definitely is better off leaving all diets behind” (p. 191).

5 — a história. Um esboço simples e agradável acerca das três principais figuras históricas portuguesas, “The Lion, the Eagle and the Tiger” (D. Afonso Henriques, Infante D. Henrique e D. João II, respectivamente) surge acompanhado de um relato de ficção, de especial interesse para os americanos: “Columbus’ Confession”, baseado na obra de Mascarenhas Barreto, *O Português Cristovão Colombo, Agente Secreto de D. João II*. Sendo um livro destinado ao grande público, estes dois capítulos revelam-se a opção correcta: o leitor retém a informação fundamental sobre o passado do país sem se entediar.

Vão longe os tempos em que Portugal era visto como uma terra atrasada, de gente indulgente e pessimista. No final do século XX, em plena era tecnológica, quando a humanidade se começa a ressentir da industrialização, o nosso país é tido como parte da

cultura alternativa, como escolha da geração preocupada com a ecologia, a dietética, o pacifismo e a tradição, como a exceção europeia capaz de conciliar modernização, preservação e humanização, o lema da Era do Aquário:

“The little near-heaven could possibly become a center of exploration voyages once again just like it was in the fifteenth century. Only this time the discovery journeys will not be to Africa or to India but into ourselves; the prizes will not be of gold and spices but of peaceful and easy-going qualities that we so often forget we possessed.” (p. 207).

Não obstante este pensamento dever aplicar-se aos portugueses em primeiro lugar, recomendo vivamente *Europe's Best-Kept Secret* a todos os estrangeiros que não lêem português e querem, de facto, conhecer-nos melhor.